ANO 3.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1923 N.º 764

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O SR. ministro das Finanças, que, entre outras qualidades notaveis, é um estudioso que vem consagrando aos problemas da nossa crise uma atenção que nem toda a gente aprecia, como de justiça, expôs ontem á noite ás comissões politicas do P. R. P. a deploravel situação do tesouro publico, defendendo a necessidade de serem aprovadas as suas medidas, a fim de chegarmos ao equilibrio orçamental—condição indispensavel para se efectivar a nossa restauração financeira.

Não obstante dizer-se que o sr. Velhinho Correia é um ministro episodico, pois ha quem afirme que o sr. Teixeira Gomes vem disposto a aceitar a demissão do actual governo, não resta duvida que o seu plano ou outro equivalente acabará por ser aprovado, com modificações mais ou menos fundas.

Sendo a nossa situação duma gravidade tal que nunca o país atravessou outra igual, parece que o Parlamento devia trabalhar dia e noite, a fim de lhe dar remedio.

Pois não falta quem advogue a conveniencia de se ir retardando a discussão das propostas do sr. Velhinho Correia, sob o pretexto de que elas não correspondem ao que era justo esperar de homem tão iminente!

Se o Parlamento, como estabelece a Constituição, é uma assembleia com francos poderes deliberativos, porque não trata ele imediatamente de abordar o exame consciencioso e reflectido dos problemas da nossa crise, mesmo que para tal haja de mondar rigorosamente o programa do sr. ministro das Finanças?

Misterio que agora não nos apetece desvendar ..

Das declarações feitas ás comissões politicas do P. R. P. deduz-se que são mentirosos todos os boatos que ultimamente correram ácerca de possiveis operações de credito a realisar no estrangeiro.

Muito estimamos que assim seja.

Antes de recorrermos ao auxilio alheio, muito ha que fazer na nossa propria casa.

Mostremos, antes de mais nada, que possuimos juizo e capacidade para nos governarmos.

Na desordem financeira em que nos encontramos, a finança internacional, caso se resolvesse a ouvir os nossos clamores, seria dura nas suas exigencias, tratando-nos como prodigos incorrigiveis.

Ninguem pense em emprestimos sobre as rendas dos nossos monopolios mais importantes, enquanto o nosso *deficit* fôr a monstruosidade que é.

As condições que teriamos de aceitar não deixariam de ser comprometedoras para o nosso nome e para o nosso credito.

Estamos, por isso, de pleno acordo com o sr. Velhinho Correia, quando sustenta que, só depois da nossa casa se achar em ordem, poderemos encarar a hipotese de se recorrer finança estrangeira.

* * *

ANGELO Ribeiro, professor da Faculdade de Letras, do Porto, traduziu a *Apologia de Socrates*, de Platão, precedendo-a duma introdução e acompanhando-a de algumas notas interessantes. A edição pertence á Renascença Portuguesa.

* * *

RECEBEMOS o n.º 54 do *Abc-zinho*, cujo texto é o seguinte: *Como o tio Pirilau; Artur e Nini conseguem escapar, graças a um rasgo de audacia!; Vencedores dos abismos.*

A IMPRENSA

O sr. presidente da Republica recebeu ontem á tarde, no palacio de Belem, os representantes da imprensa, afim de lhes significar o seu reconhecimento pela maneira carinhosa como acompanharam, quer apoiando-os, quer discutindo-os, os seus actos.

A mensagem de despedida, que leu com voz sonora, calma e bem timbrada, é um documento que honra o seu autor, ao mesmo tempo que revela todas as nobres preocupações dum homem que deixa a suprema magistratura do país, pobre e honrado, mas já pensando em tomar um lugar entre os que trabalham inspirados por nobres sentimentos patrioticos.

O presidencialato do sr. dr. Antonio José de Almeida não foi um periodo de socego, porque muitas vezes as paixões rugiram violentas e leoninas e algumas vezes a revolução estalou nas ruas, dividindo os cidadãos em lutas de morte.

A doença tambem lhe não permitiu sequer aquelas horas de repouso bem ganhado em que retemperaria as forças exhaustas por fadigas tanto morais como fisicas.

Quando o pessimismo era geral, troando livres e desembaraçados os clamores dos derrotistas, satisfeitos, emfim, por verem que todas as energias fraquejavam, o sr. dr. Antonio José de Almeida, vencendo os quebrantos do proprio sofrimento, mostrava-se corajoso e forte, animando os tibios e dando á nação o exemplo memoravel da sua indicação e do seu esforço inquebrantavel.

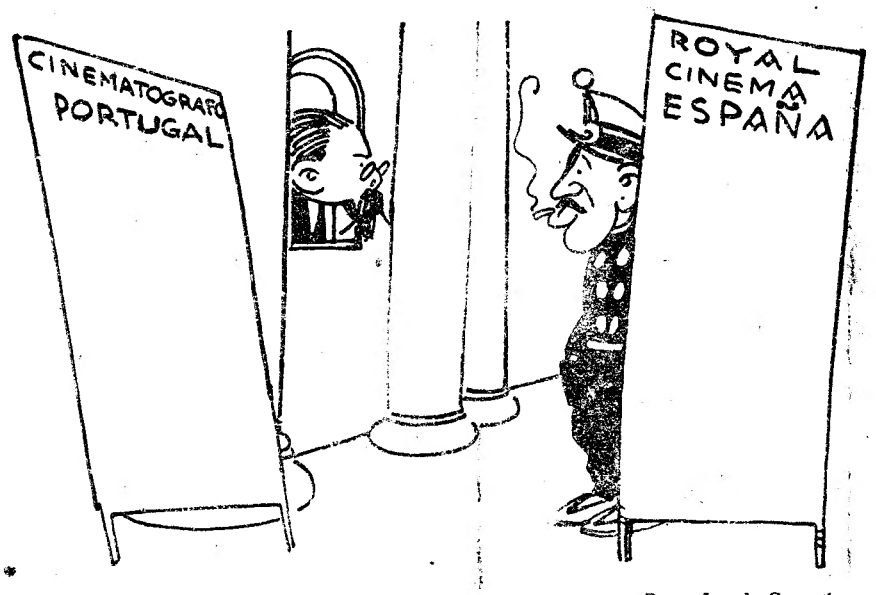
Chegado entre continuas procelas ao termo do seu alto cargo, seria natural que cuidasse primeiro de si, afim de pausadamente se reconstituir para novas lides.

Tal não é o seu proposito, pois ainda ontem afirmou aos jornalistas que o rodeavam que está firmamente resolvido a regressar á imprensa, pois entende que esse é o seu posto de eleição, a fim de mais eficazmente acompanhar a grande obra da reconstrução nacional.

Não temos por costume tributar elogios imerecidos nem praticar a lisonja como uma arte capciosa de colher simpatias e favores.

Ficariamos de mal com a nossa consciencia, se não apontassemos á admiração e aplauso dos bons portugueses a belesa de tal procedimento, quando, por desgraça nossa, tanta gente anda carpindo as suas desilusões, com o pensamento hipocrita de mais comodamente saborear o seu profundo egoismo.

ENTRE VIZINHOS

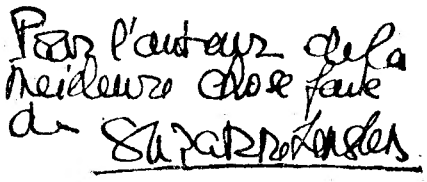


(Desenho de Stuart)

O emprezario português: — Então o meu amigo está a fazer concorrencia ás minhas «fitas»?

FORAM muito apreciados no nosso meio sportivo os *croquis* que publicámos do campeonato de *tennis* de Cascais, devidos aos lapis scintilantes de Almada Negreiros, Meneses Ferreira e Joaquim Pombeiro.

No desenho de mademoiselle Lenglen, que foi vendido em separata, escreveu a notavel jogadora de *tennis* a dedicatoria seguinte a Almada Negreiros:



«Pour l'auteur de la meilleure chose faite de Suzanne Lenglen».

* * *

ANTOINE, o grande artista francês, deseja que os jornais do seu país abram um inquerito para que a opinião publica responda sinceramente a esta pregunta:

«Os artistas dramaticos e liricos devem casar-se?».

A resposta só pode ser uma. Os liricos devem indiscutivelmente contraír matrimonio. Quanto aos dramaturgos é incontestavel que devem conservar-se tanto quanto possivel solteiros para que os lares não sejam constantemente teatro de scenas emocionantes...

* * *

DIOGO Martinez de Lima e Eduardo Martinez de Lima, reuniram em volume, sob o titulo — *Rumores da Guerra* uma série de contos humoristicos que publicaram no *Comercio do Porto*, com o pseudonimo de Soâmri Samil.

E' uma leitura saborosa que, apesar do seu tom ligeiro e desenfadado, não deixa de vincar no espirito algumas impressões fortes que dificilmente desaparecem.

* * *

PARTIU ontem no Sud-Express, para Madrid, o professor Adolfo Venturi que, durante alguns dias, foi nosso hospede, e cujas lições, na Universidade de Roma, sôbre a Historia da Arte são notabilissimas. Visitou os monumentos de Lisboa e arredores, especialmente o Museu de Arte Antiga.

* * *

OS emissores da estampilha comemorativa do «raid» Lisboa-Rio de Janeiro e o comandante sr. Sacadura Cabral, acompanhados dos advogados srs. drs. Nordeste e Manuel Duarte, tiveram hoje larga conferencia com o sr. ministro do Comercio.

* *

FORAM ontem á noite feitas experiencias pela secção de ensaios telegraficos da Administração Geral dos Correios e Telegrafos com o aparelho multiplo Baudot, entre Lisboa e Faro. As experiencias deram excelentes resultados.

* * *

PELO «Guiné» são ámanhã expedidas malas postais para Angola, sendo ao meio dia a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10 horas.

* * *

EM consequencia de ligeiro incomodo de saude o sr. ministro das Finanças não foi hoje á sua secretaria.

Vencimentos

Os funcionarios publicos

Do sr. J. Rodrigues de Carvalho recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. director.—O problema dos vencimentos do funcionalismo, longe de estar resolvido com a ultima melhoria, parece ter-se agravado com as desegualdades á que deu origem.

Já em tempo, no «Diario de Lisboa», mostrámos a desegualdade de tratamento havida para com os oficiais de justiça (de diligencias) sob o ponto de vista dos vencimentos.

A questão mantem-se ainda em todos os seus aspectos, muito embora a comissão do ministerio da Justiça houvesse tido o desejo de a solucionar, dando aos oficiais de diligencias (de justiça) vencimento egual ao que foi atribuido aos oficiais das administrações dos bairros, que aproveitaram de um projecto de lei que concedeu aos funcionarios administrativos melhoria de situação desde julho do ano transacto.

Porém, os oficiais de justiça (diligencias) tinham em 1914 de vencimento mensal 33$33, quando os das administrações dos bairros venciam apenas 18$00.

Os oficiais de justiça (diligencias) sobre o ordenado que foi concedido aos oficiais de diligencias das administrações dos bairros, estão recebendo, pela nova lei, mais 30$00 por mês, verba certamente insuficiente para fazer face ao agravamento das condições de vida.

Mas não é sob este aspecto que queremos encarar a questão, pois se o Estado tem concedido melhorias é porque é do conhecimento de toda a gente que a carestia da vida se agravou consideravelmente, mercê de factores que não é nosso intento agora apreciar.

Referimo-nos a desegualdades de tratamento e vamos provar que as tem havido, não só porque as leis não têm previsto todos os casos, mas ainda porque da sua contextura resulta uma má interpretação da parte de alguns chefes de contabilidade. E já que falamos da má interpretação, devemos acrescentar que os senhores chefes de contabilidade podem ser muito competentes em matematica, mas falhos de competencia em assuntos de jurisprudencia.

Para estes, cremos haver em alguns ministerios consultores juridicos.

Porque recebem os oficiais de diligencias apenas 378$00 mensais, quando aos ajudantes dos escrivães da Boa Hora foi agora atribuido o vencimento de 416$00?

Porque—afirmam os homens das matematicas—a presente lei os equiparou aos escrivães-ajudantes do Tribunal das Transgressões. Esse argumento não colhe porquanto os ajudantes de investigação, distritos criminais e registo criminal não tinham vencimento do Estado em 1914, ao passo que os das transgressões o tiveram desde a constituição do tribunal. Em sintese: Os oficiais de diligencias tinham em 1914 de vencimento mensal 33$33, quando os ajudantes eram remunerados pelo escrivã; em 1918, pelo art. 14.º do decreto n. 4098 de 18 de abril, de 42$50, ao passo que os ajudantes tinham do Estado o vencimento de 30$00 concedido pelo art. 11.º do decreto n.º 3.978 de 27 de Março; em 1919, pelo art.º 26.º do decreto n.º 5.554 de 10 de maio, 54$16, quando os ajudantes pelo mesmo decreto ficaram com o vencimento de 42$50. Conclue-se, pois, que os oficiais de diligencias tinham sido equiparados para efeitos de vencimentos aos escrivães-ajudantes das transgressões pelo decreto 4.098, art.º 14.º, de 18-4-918 e pelo decreto 5.5554 art.º 26.º de 10-5 919.

Como se compreende então que os ajudantes das transgressões estejam hoje desequiparados dos oficiais de diligencias e que os ajudantes da Boa Hora ganhem mais que estes?

Mas o mais interessante ainda é que as primitivas folhas, após a nova lei de melhoria, tinham para ajudantes e oficiais um vencimento igual, sendo depois mandado fazer outras, em que os oficiais ficaram em situação inferior. Isto só pode atribuir-se a uma lamentavel confusão ou a um intuito de hostilidade. E' claro que não pretendemos lezar os ajudantes e se a eles aludimos é porque temos de estabelecer o confronto entre a situação das duas classes, posterior e anterior á nova lei de melhoria de vencimentos.

Quer dizer: Benuna, o celebre ministro das finanças marroquino, teve razão quando afirmou a um jornalista português que a humanidade era uma nóra.

Nesta questão dos vencimentos podemos aplicar igual conceito, pois que, sendo esta uma nora, nós passámos á situação de alcatruzes, que ora estão por cima ora estão por baixo.

E a grande nora do Estado continua a funcionar, levando cada um a agua ao seu moinho conforme as suas simpatias pelos hirsutos matemáticos que nesta época de economias forçadas teem a habilidade de voltar os numeros do avesso. De v. etc. *J. Rodrigues de Carvalho.*

CRONICA LITERARIA

A MÃE

QUE ENLOUQUECEU

por lhe ter morrido na guerra

um filho de trinta anos

Foi em França, no ultimo ano da guerra, em Maio de 1918 que me mostraram a mãe-louca. Já a teria esquecido? Por certo que não. Ninguem poderia esquecer a mãe-louca depois de a ter visto uma vez. Foi em Hasemeaux, ao pé de Etampes. Ia para o aerodromo de Silvoux, quando o meu companheiro me apontou num gesto leve a extranha mulher:

—«La mére folle»...

Não sei que fluido tragico se escapa das grandes figuras de dôr e de martirio. Encarei com terror a mãe-louca. Era alta. Era forte. Ainda esbelta. Mas o que sobretudo prendia era o seu sorriso iluminado e dôce, irradiando duns olhos claros que olhavam sem ver, duma boca empregueada pelo cançasso e pela velhice. Muito palida, pobremente vestida de negro, os seus bandós brancos cercavam-lhe a fronte como um diadema imperial. Era a mãe do mestre escola da terra, um rapaz de trinta anos que havia meses tinha morrido em Verdun, frente ao inimigo, no grande ataque do forte de Vaux. Como com o desaparecimento do filho tinha ficado pavorosamente só em toda a terra, recearam dar-lhe a noticia quando ela chegou a Hasemeaux. E de facto, quando a pobre mãe deixou de ignorar que mais aquela vida—que exclusivamente lhe pertencia—fôra aniquilada na fogueira formidavel da guerra, apavorou, enrodilhou num terror sem limite toda a comuna tranquila. Durante três dias uivou sem cessar. No silencio da noite ouviam-na gritar sem fim, sem repouso na casa isolada e distante que fôra do mestre escola e onde ela agora estava só no mundo. Era um tormento que fazia mal, que arrepiava, um grito permanente, um gemido de animal que se sente morrer, tão lancinante, tão crispado de soluços que os velhos fugiam num desespero, numa blasfemia ao Deus que consentia aquelas coisas. Durante três dias e três noites, sem descontinuar, Hasemeaux ouviu aquele grito e a grande, a profunda dôr da paciente humana bateu furiosamente em todos os corações egoistas dos homens desatentos.

Como aquilo não tinha fim, alguns notaveis da terra quizeram leva-la para Etampes. Mas quando na madrugada do terceiro dia, depois de grande conciliabulo, se resolviam a ir buscá-la, o grito pavoroso cessou finalmente, adormeceu de subito. Todo o dia as suposições fervilharam sem que ninguem, no grande alivio daquele silencio, tivesse a coragem ou a ideia de ir ver o que se passava na casinha do mestre escola. Mas á tarde, natural, serena, a mãe dolorosa reapareceu na rua principal da aldeia. Nada denunciava ter passado por ela a mais fulgurante de todas as tempestades. Sorria. Calma. Placida. Ninguem lhe ouviu uma palavra. Com gestos lentos, pisando devagar, entrou em varias lojas, comprou alguns alimentos, sem um murmurio, indicando-os com o dedo. E sorria. Depois, todas as tardes, á mesma hora descia á aldeia a fazer as suas compras, sempre sorrindo, sempre silenciosa. E voltava de novo para a casa do mestre escola. Recebia uma pequena pensão de que vivia. A pensão do sangue de seu filho. Ninguem ousava dirigir-lhe uma palavra. A piedade dos homens levantava aqui e além um chapeu que ela nem via, toda absorta no seu sorriso. Um espirito forte da terra, concluiu que a pobre mulher estava louca, uma loucura mansa e pensativa. Chamaram-lhe então a mãe louca e acabaram por se esquecer daquela figura tragica, alta, forte, ainda esbelta, muito palida, pobremente vestida de negro, com os seus bandós brancos cercando-lhe a fronte como um diadema imperial. E a mãe louca sorria sempre Imperturbavelmente.

Ora sucedeu que numa tarde de Outubro, uma tarde já tocada pelo inverno e que despejava de quando em quando aguaceiros subitos, o farmaceutico da terra regressava dum giro a uma granja proxima. Do alto da colina avistava já as primeiras casas da vila, no fundo do vale e entre elas, a que estava mais isolada e destacada de todas, a do mestre escola. Ali vivia agora, completamente só, a mãe louca. Ninguem sabia o que ela fazia lá dentro mas como, em suma, a sua existencia era placida e nenhuma anormalidade era taramelada pela visinhança, tinha passado todo o receio de que a pobre velha pegasse fogo ás paredes ou se enforcasse sombriamente num cordão de reposteiro. O farmaceutico, preocupado com a chuva, que ameaçava desabar de novo, ao ver a casa, indiferentemente e ainda distante, não a notou. Mas quando atingiu o sopé da colina o aguaceiro previsto começou tombando com fragor, precisamente no cotovelo da estrada aonde não havia o mais ligeiro abrigo. Ocorreu-lhe então a ideia do alpendre do casinhoto e correu para lá saltando entre a leiva encharcada, com furia e praguejando. De principio o homem a salvo das grossas cordas de agua, num ronco satisfeito de quem está em sitio enxuto vendo passar ao longe os homens e os animais curvados sob a batega que os zurzia, entreteve-se pasmado sem pensamento para as nuvens desgrenhadas que esvoaçavam pelo espaço, para a longa fila de choupos que marcava o canal, ondulando em cadencia as cristas agudas no sopro da ventancira. Caia um crepusculo duma cinzenta melancolia. Um cão ao longe ladrou num ladrido nitido e plangente, entre duas pausas do vendaval. E dos lados de leste vinha uma grande sombra que era a noite.

Bocejando, batendo as solas no lagedo, só então o boticario reparou que estava junto da casa socegada e humilde onde vivera o mestre escola e onde agora perpassava unicamente o sorriso adoravel da mãe louca. Ninguem no terreiro. Todas as janelas estavam cerradas, com as cortinas de «gaze» espessa muito coladas aos vidros. Por cima da porta, com a aragem brusca, rangia sem cessar a lamina ferrugenta dum velho catavento. Devagar, com precaução, e curioso espreitou através duma frincha ligeira, entre o caixilho e a bandeira, avido de mais um detalhe sobre a loucura mansa da mãe vestida de luto. Era justamente a saleta do mestre escola.

Por isso que o crepusculo invadia cá fóra todas as coisas, a sombra já era mais intensa no interior. Habituado a pouco e pouco á escuridão, conseguiu distinguir para dentro. Tornou-se-lhe nitide a velha comoda de mogno que ocupava uma das paredes, encimada por um grande busto pousado sobre um pano de «crochet». Na poltrona cançada, onde o «reps» se ia esgarçando com o uso, a mãe louca estava sentada. Reconheceu-a logo no seu vestido negro, nos seus bandós brancos, no seu claro e inevitavel sorriso. Então os dedos enclavinharam-se-lhe no rebordo da janela e livido, esgazeado, encostou-se ao muro, sem perceber, sem compreender. Junto do vulto negro que estava sentado, um vulto branco de pé. Era o do mestre escola que morrera olhando em frente, junto do forte de Vaux. Era impalpavel. Era luminoso. Através do seu corpo imaterial e transparente o farmaceutico via mover-se na parede do fundo a pendula do relogio. Com uma infinita meiguice o espectro acariciava devagar os bandós brancos. E ela, a mãe dolorosa, placidamente, com o seu sorriso iluminado e dôce, passava um lenço vagaroso pela ferida vermelha que ingia com vivesa a alvura estridente do fantasma. No peito. E o lenço vinha manchado de sangue.

Como o farmaceutico só muito tempo depois contou o que tinha visto, decerto por não acreditar nos proprios olhos. Tambem só muito tempo passado é que se compreendeu a atitude daquela dôr serenissima: O filho vinha vê-la todas as tardes. Por isso a mãe louca sorria sempre. Imperturbavelmente.

MARIO DE ALMEIDA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Marquesa de Unhão, baronesa de Santa Comba Dão, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Beatriz de Paiva de Almeida (Seixo), e D. Maria Luisa Guedes Pinto Machado.

E os srs:

Conde de Sobral, dr. Alberto Martins Fernandes Nogueira, dr. Albano Bordalo Pinheiro Travassos Valdez, Julio Correia de Sá, Antonio de Castelo Branco, Humberto Rodrigo Kluft Lopes da Silva e José Lourenço Pires.

Diplomatas

Está em Pau com suas gentis filhas, madame Cantillo, esposa do sr. D. José Maria de Cantillo, ilustre ministro da Argentina.

—Regressou das Pedras Salgadas, Mgr. Nicotra, Nuncio da Sua Santidade em Lisboa.

Casamentos

Realizou-se ha dias na igreja matriz de Mangualde, o casamento da senhora D. Natalia Matos Cabral, interessante filha da senhora D. Laura Fernandes Matos Cabral, e do sr. Joaquim Cabral, com o sr. Alexandre de Oliveira, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, seus pais e seu avô o sr. José Maria de Matos de Carvalho e por parte do noivo os srs. Manuel e Adelino Marques e um irmão do noivo, sendo o acto celebrado pelo reverendo Antonio de Almeida.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais da noiva um fino «lunch».

Os noivos partiram para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Com grande intimidade, realizou-se ha dias na paroquial igreja de Santos-o-Velho, o casamento da senhora D. Palmira de Almeida Abade, gentil filha da senhora D. Elisa de Almeida Abade e do sr. Alberto Abade, com o sr. Alberto Gomes Roque Santos, filho da senhora D. Jesuina Gomes Santos, já falecida, e do sr. José Caetano Santos.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a senhora D. Maria dos Prazeres de Almeida e de padrinhos e pai da noiva e o sr. Antonio Santos.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais da noiva um fino «lunch», seguindo depois os noivos para Cascais, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

—Foi pedida em casamento pelo nosso colega na imprensa sr. Armando Boaventura, para o sr. Joaquim Nogueira Jordão, a senhora D. Leonor Beatriz Monteiro de Vasconcelos, interessante sobrinha dos srs. Pedro e Fidelino Sacramento Monteiro e irmã do deputado sr. Carlos de Vasconcelos.

—Na parroquial igreja de Nossa Senhora da Lapa, realisou-se ha dias o casamento da senhora D. Maria Livia de Battaglia Ramos, gentil filha do sr. visconde de S. Bartolomeu de Messines falecido titular, com o sr. Armando Lopes da Silva, filho da senhora D. Maria do Patrocinio Rocha e Silva e do sr. Antonio Lopes da Silva, tendo servido de madrinhas a avó paterna da noiva senhora D. Guilhermina Battaglia Ramos, viuva do saudoso poeta João de Deus, e a mãe do noivo, e de padrinhos os pais dos noivos.

O acto foi celebrado pelo reverendo João Adelino Monteiro Vacondeus, amigo intimo da familia da noiva, que, no fim da missa, fez uma brilhante alocução.

Durante a cerimonia religiosa foram executados no orgão, pelo sr. João Jamet, varios trechos de musica sacra.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Para o ilustre clinico sr. dr. Fausto Ferreira Lobo, foi ha dias pedida em casamento a senhora D. Maria Julieta de Abreu de Couto Feio Soares de Azevedo, filha da senhora D. Quiteria Alexandrina de Abreu de Couto e Campos e Azevedo e do sr. dr. João Feio Soares de Azevedo, já falecido.

Corridas de cavalos

Na Marinha

E' cada vez maior o interesse que estão despertando no nosso meio elegante de Cascais as provas das corridas de cavalos, que na proxima quinta-feira, 4, se iniciam no magnifico campo de corridas da Marinha, organisadas pela Sociedade Hipica Portuguesa.

Estamos certos de que, nos dias 4, 5, 7, 11, 13 e 14 do corrente, será ali que tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous».

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante ámanhã dará «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Salão Foz e do Chiado Terrasse, e á noite, no Nacional, revita da moda, com a engraça peça «O cabeça de turco» e no Apolo, despedida da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, com a peça «Renascer», e no Politeama e Cinema Condes, «soirées» da moda.

Em viagem

Encontra-se já em Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques e sua gentil filhinha Maria Teresa, vindo da quinta de Noval, perto de Guimarães, onde esteve de visita a sua mãe a sr.ª D. Maria da Natividade Meireles de Campos Henriques, viuva do saudoso conselheiro sr. Artur Alberto de Campos Henriques, o sr. major de engenharia e distinto professor da Escola Militar sr. Artur Alberto Meireles de Campos Henriques.

—Regressou da Beira, Africa Oriental, com sua gentil filha D. Maria Gabriela, a sr.ª D. Ana Goulart da Silveira Caldas.

—A' sua casa em Alemquer, regressou a sr. D. Lucia Marques de Almeida, que em Lisboa tem estado hospeda de sua irmã a sr.ª D. Maria de Almeida da Mota Marques e de seu cunhado o nosso colega sr. Carlos Alberto da Mota Marques.

—Com sua esposa e sogra, regressou de Cintra, o sr. Humberto Zenoglio.

—Regressou do Norte, o sr. dr. Manuel Barbosa.

—Da Torreira regressaram os srs. José Maria Soares e Antonio Joaquim Marques.

—Com sua familia partiu da Torreira para a sua quinta na Branca o sr. Artur Ribeiro.

—Regressou da sua quinta da Alminha, em Espanha, o distinto cirurgião dentista sr. dr. Joaquim Rumina.

—Com sua esposa regressou da sua casa de Terrugem, em Sobral de Monte Agraço, o sr. Alfredo Santos, activo secretario administrativo da empresa do teatro S. Luis.

—Chegou de Alferrarede, acompanhada de seu filho o sr. Julio Marques Mendes da Silva, a sr.ª D. Felismina Maria Rosa Marques da Silva.

PENSÃO
Dietética-Médica
DIETÉTICA - NATURISTA
E
ORDINARIA
QUARTOS amplos com janelas e confortavelmente mobilados. Higiene rigorosa e serviço esmerado. Recebem-se comensaes.
Rua Francisco Sanches, M. C., 1.º (ao cimo da Avenida Almirante Reis)

— GUY D'OLIVEIRA —
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Agres Kopke*
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

QUEM QUER
VESTIR BEM E BARATO
confronta os preços do
DEPOSITO DA COVILHA
porque vende directamente da fabrica ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos
TEM ALFAIATES
LÃS EM FIO PARA MALHAS
ROCIO, 93, 2.º ANDAR
Telefone 4670-N.—Ascensor
Filial, R. do Ouro, 206, 1.º (entrada Loja da America)

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

A's Senhoras
Persulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação!
DEPOSITO GERAL Telef. C. 1196
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

TEATRO SÃO LUIZ
ULTIMOS ESPECTACULOS
Ultima semana do grande sucesso de ha 40 e 20 anos da celebrada peça fantastica em 3 actos e 16 quadros
O GATO PRETO
O enlevo das creanças — Linda musica — Deslumbrantes scenarios — Luxuoso guarda-roupa — Esplendida enscenação — Maquinismos sensacionais — Brilhantes efeitos de luz — Magnifico desempenho — Preços populares — Geral 2$00

POLITEAMA
Emp. Luís Pereira Telef. 3028 N.
HOJE — ESTREIA do grandioso e sensacional *film* historico
A BRUXA
executado sobre o texto da zarzuela de RAMOS CANION, do mesmo titulo e desenhada pelos distinctos artistas Leopoldo Pitarch, Concha Gorge, Artur Pitarch, Julio Simon, M. Trujillo, Teodoro Landrer, Lola Paris, Vilassante e Carmen Orro

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — ás 20,45 e ás 22,30 — HOJE
TOURNÉE ARTISTICA LUSO-BRASILEIRA
1.ª representação da revista de Pedro Bandeira e Guedes Vaz
Coisas do Diabo
Um deslumbrante acto de variedades
Quinta-feira — Reaparição da companhia deste teatro com a revista **Fado Corrido** remodelada

NO SALÃO FOZ
despedida de três grandes exitos
Depois de vinte e dois dias de consecutiva actuação, despedem-se hoje do publico do Salão Foz os eximios artistas «José Cosme», guitarrista, e «Alfredo Mesquita», viola. Os seus numerosos amigos e os apaixonados pela nossa canção nacional, reunidos hoje no Salão Foz, demonstrarão aos dois modestos rapazes o alto apreço que lhes dedicam e de que são incontestavelmente merecedores.
«Manuela Conde», que tanto carinho e sentimento sabe dispensar aos varios fados com que nos delicia, e a graciosa dançarina «Maria Hurtado», tambem hoje se despedem do publico de Lisboa.
Para ámanhã anuncia-se a estreia do afamado dueto luso-hispano «Os Diavolinos», interpretes dos mais variados numeros de canto e baile, canções argentinas e brasileiras, fados, maxixes, tangos, danças americanas tudo apresentado num scenario proprio e luxuoso guarda-roupa.
Continuam em pleno exito os celebres duetistas comicos «Les Marocc», impagaveis de chiste e flagrantes de verdade nos variados tipos «madrileños» ou baturros que incessantemente nos apresentam.

VASCO DE LACERDA
CLINICA MEDICA
Avenida da Liberdade, 134
Consultas ás 17 horas

RUA DO AMPARO
SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

TERRAS DE PORTUGAL

A ILHA

DA MADEIRA

e as impressões primeiras

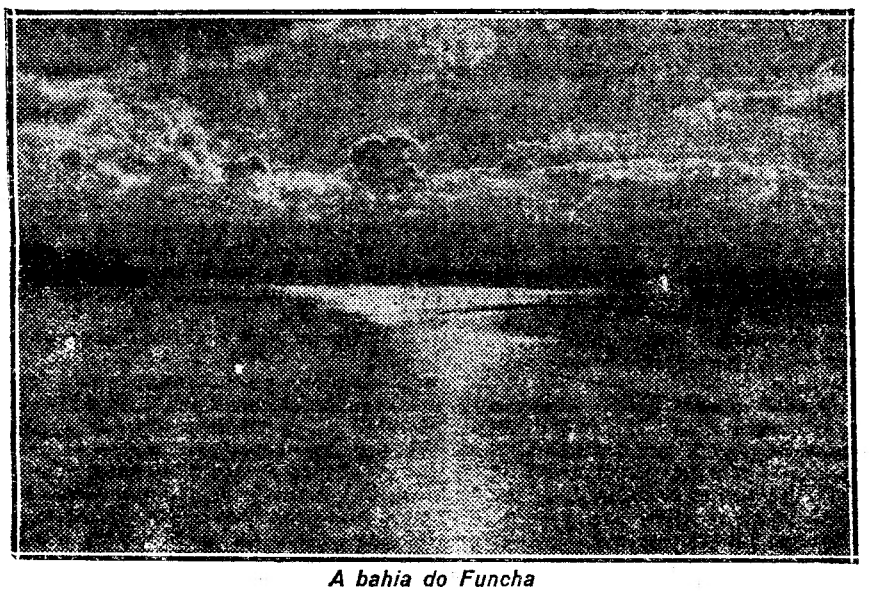
de quem a visita pela primeira vez

A dez milhas maritimas, a Madeira embriaga, tem perfume, volatas de incenso selvagem, picante e sensual.

A ilha anuncia-se, assim a distancia, como uma grinalda de rosas que o Atlantico boiasse. O mar canta ha dois dias nas escotilhas do navio, como se ele fosse um berço, e ele, uma boca amargurada, num adeus, lancinante no amor, crepuscular numa paixão.

Noite de alva, alva de luar ogivado, imenso, na concha de nacar maritimo, onde Aphrodite, renasceu esta noite num galbo libial.

Toda a agua explende, até onde a pupila deslumbrada, aflita de beleza, presa naquela via lactea que caldeia mundos e suspende estrelas nictitantes nos damasquinados argenteos da espuma, — alcança.


A bahia do Funcha

No horisonte, a bruma da terra, em sombras luarentas como que vertidas por vitrais de igreja, vai-se firmando, precisando, destacando.

Primeiro, uma rocha aguda como um punhal, cujo cabo rutilasse um rubi: a ponta de S. Lourenço, com o farol a medir o Atlantico; depois, uma carcassa de sombra, alta, enorme, precipitada para as alturas, tocando as nuvens—e tudo negro, informe, em vulcões tempestuosos, sem uma luz, sem um grito, que o navio circula esmagado daquela imobilidade, daquele silencio tragico que o mar alonga e desespera—a Madeira!

* * *

Meia hora mais tarde. Não ha sol ainda, mas o vermelho em fogo, o lilaz de glicinia, sangue, bocas escarlates, rebentam como camelias no horisonte. E' a manhã, toda em oiro, em grandes flocos oirescentes, pequeninas teias, fechas, fiositos tenues que começa a espancar a nebrina, a dissolve-la, a vaporisa-la.

Começa o sonho, e é num sonho, que a ilha galgando os pincaros, afundando-se nas surribas, cortando a pique as costas, arremessando-se ao Oceano, tira o seu farragoulo nocturno, e ergue o rosto.

Dobra-se um cabo. Como cisnes brancos, as casitas do Funchal alvoroçadas, palpitam, espanejam as azas, e, em bando, sobem as colinas, espraiam-se, e, já livres, já libertas, recolhem-se medrosas, fresquinhas, humidas, viradas para o mar, nas montanhas mais altas da ilha.

Cai oiro a flux. O oiro jorra, o oiro cega, o oiro crepita na baía desnudada, como uma concha maritima, acorda as arvores, desentranha das seivas, mais e mais, essencias de perfume voluptuoso—ha rosas no ar que desabrocham; e uma verdura vertiginosa, apoteotica, feita de todos os tons, traduzida em todos os cambiantes, em todas as escalas cromaticas da côr, desde o verde do arbusto tenro e azul, até ao esmeralda maritimo, pesado e sombrio, escorre, cascatante, pelas encostas da ilha, como se ela, banhada de aguas virgens, surgisse do mar, como uma nereida envolta numa cabeleira de algas.

* * *

Camara de Lobos. As perspectivas cortam a retina, chamam-na para todos os lados, traumatisam as impressões, mas o verde fica como uma canção de amor.

Olha-se — e é mar, e rochedos hirtos, hirsutos, espancando as nuvens, despenhados sobre a agua, onde azas brancas batem, e outras azas, a espuma, afloram. Olha-se — e é a cordilheira, onde a vinha sagrada enriquece de esmeralda a terra, e se sorri, enleando as casas branquinhas, que olham o mar, espalhadas pelos sucalcos, como passos do senhor, onde a igreja fosse a montanha e o incenso a nevoa que ascende das furnas.

Ha ribeiras fundas e secas, onde ficou a colera das aguas, nas pedras revoltas que rolaram dos pincaros. E, no fundo, no meio, a abrir em painel de três taboas, a vilasita de Camara de Lobos, que vive no mar e do mar, piscatoria e humilde, no primeiro degrau de altura, é um ex-voto oferecido á grandesa formidavel dos rochedos.

O verde canta nas plantações, recobre a terra, luta com a rocha, agua fertil que substitue a verdadeira, e, tão humida, tão luminosa, tão doce, por vezes, tão tenue, que não ha palavras que a possam dar, se a retina cheia de fluidez a trás até á alma, e ela sorri, contente, e ao mesmo tempo cançada, de ter tanto ceu a seus pés.

Agora a natureza brutal, formidavel, colera plutonica que ficou imobilisada de quando a terra era lava. O monte por onde o automovel corta, entre braçadas de rosas e de açucenas, que as crianças nos atiram com sorrisos, á mira do *shetting*.

Em frente, três montanhas, levantando para o ceu os elmos ferozes e dantescos dos picos. Três montanhas que as agues corroeram, carcomiram, separaram, por longas e continuas irrisões, abrindo caminho pelos seculos fora. Três montanhas que desfiam as nuvens, cobertas de tempestades, roladas de cirros. Há furnas alcantiladas, e há gargantas ravinadas. A caruge desceu como uma fumaceira pesada, sombria, quasi opaca, e arrebenta e sobe nas cavernas, como se crateras de vulcões não extintos amassassem coleras de fogo...

No vale que se espraia e que uma mão de criança cobre, tão alto estamos, o verde do arvoredo, das plantações, dos arbustos, canta, canta sempre, como se tivesse agora acabado de nascer, e fosse agua viva de levada, regando a terra.

Artur Portela

TEATRO SÃO LUIS
Companhia ARMANDO VASCONCELOS de que faz parte a actriz AUSENDA DE OLIVEIRA
Sabado, 6 — Inaug. da epoca de inverno
A Prima Inglesa

Soberbo espectaculo Conjunto primoroso
TEATRO AVENIDA
HOJE — A famosa opereta de Julio Dantas e André Brun
A Severa
Peça encantadora Musica deliciosa

TODAS AS MÃES
devem dar a seus filhos NERGEN na hora das refeições:
FORTALECE E DESENVOLVE
Nas Farmacias e nos Depositarios:
Costa & Campo, L.da
Rua Augusta, 229-2.º
LISBOA

GOMES DA SILVA
MEDICO-CIRURGIÃO
Consultas ás 15 horas
AVENIDA DA LIBERDADE, 134, 1.º
Telefone N. 4712

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.
Dr. Abel Alves — Ouvidos, nariz e garganta, ás 14.
Dr. Almeida Dias — Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves — Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins — Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes — Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco — Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes — Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique — Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca — Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes — Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa — Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva — Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela — Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda — Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim — Cirurgia geral e operações, ás 16.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

«Intermezzo»

Tinham sido incontinentemente felizes.

Quando casaram — um casamento de paixão — ele não tinha ainda vinte e cinco anos, ela pouco mais que vinte e um.

Viveram interminaveis meses, duma lua-de-mel de noveta. Os visinhos, que a principio os cobriam da benção dos seus mais babosos sorrisos, acabaram por considerar indecente, imoral, aquele infatigavel arrulhar de pombinhos amorudos — que até parecia fazerem gaia em vir para a janelinha de sacada, exibir com escandalo as suas felicidades de alcôva, sempre entaçados pelas cintas, colados sempre pelas bocas.

Um dia, porém, uma barulhenta zanga estalou entre ambos, com louça quebrada, um violento estardalhaço de chôros e recriminações. Durante dias viveram amuados, sem se trocarem palavra. Ele começou então a recolher a deshoras, escandalosamente, batendo á porta do predio com força. E ela, tomando o seu partido, começou tambem tranquilamente a sair só, muito pregada, muito galante, no seu sóbrio «tailleur» cinzento, um discreto veu esticado sobre a face bonita, e um arsinho picante de misterio e de aventura no rasto de perfume que a sua silhueta fazia...

... Até que uma bela manhã se soube na visinhança que ela fugira com um antigo namoro, deixando uma carta, e levando todas as joias, as melhores pratas, e o gato «angora» que ele lhe dera nos primeiros dias de noivado.

* * *

Anos passaram.

No seu luxuoso «Rolls-Royce», vestido nos melhores alfaiates, palido sempre e olheirento das noitadas, um grosso charuto sempre cravado nos dentes, ele fazia agora a sua vida, indolentemente, sem cuidados nem emoções, com toda a fleugma e o ar duro de tedio dum moço grão-duque desencatado dos pobres prazeres deste mundo.

Mas no fundo do seu coração um veemente e cruel apetite o espicaçava ainda, o exasperava ainda, como o unico sentimento vivo que lhe restasse — encontra-la uma tarde no acaso das ruas, gosar ferozmente da miseria dos seus farrapos, humilha-la sem piedade com o luxo rebrilhante, insolente, do seu automovel, do seu elegante desdem, do seu grosso charuto sempre cravado nos dentes.

Nesse dia mandar-lhe-ia uma esmola pelo «groom» se a visse andrajosa, ou pagar-lhe-ia regiamente uma hora de amor, se a topasse em espavento. Ficava bem vingado.

* * *

Da penumbra humida e fetida daquele corredor tageado, enroscado a um canto, sobre o imundo banco de pau, como um animal acossado, achegava ao peito as bandas fôfas da sua ultima pelissa, e revolvia nos dentes, apagada, a ponta amarga do seu ultimo charuto.

Fôra preso, ao sair do club, essa madrugada. O segredo da sua alta opulencia fôra entretanto farejado, estudado, desvendado — e a Policia, cavalheiresca, desejava agora galardoa-lo condignamente de tão fria astucia, de aprumada audacia, de tão rendosos talentos...

Sem uma ideia, sem um clarão, sem uma revolta, como aguia abatida de subito em plena luz, para ali se amodorrára a um canto, empavecido, tiritando de frio, e moendo o tempo e o espirito a contar e recontar numa obcessão idiota, o numero de quadrilateros que os grossos ferros, ao fundo, faziam, em quadriculado de luz, sobre o vasto pateo lá fora, todo alagado do sol da manhã.

De repente, porêm, com um pesado chocalhar de chaves, a voz grossa dum guarda, resmungou perto, atravez duma porta.

— «Por aqui, creatura! Sente-se que o senhor Juiz não tardará!...»

E a porta ao lado, abriu-se.

Um vulto de mulher entrou, franzino, suspeito, olhando em volta, atonita, e ocultando com mais força a cara, na estola de peles já safadas, num instintivo arrepio de frialdade e pavor. Uns momentos se ficou tambem imovel, sob o escarninho olhar do policia, que da porta a não desfitava.

Ele então ergueu-se vivamente do seu canto, e plantou-se deante do vulto suspeito, a esquadrinhar, ofegante, ancioso. Como por um gesto reflexo, a pobre estola de peles descotou-se-lhe lentamente da cara; — e ficaram-se ambos a fitar-se esgazeados, aterrados, sem palavras.

Encontrou-a de novo, afinal. Era ela!...

Carlos Selvagem

SEJAMOS SERIOS!

A "blague,, DO TURISMO nas terras de Portugal

Fala um turista que sofreu tratos de polé

O turismo em Portugal é uma cousa com que todos nós sonhamos, de que todos nós conhecemos as vantagens e os beneficios, mas — que não existe por ora — a não ser na nossa imaginação.

Não ha sociedades de propaganda, não ha gremios, não ha ligas, que possuam as forças indispensaveis para o transformarem numa realização agradavel e produtiva.

Falta-nos tudo para tirarmos da exploração do turismo os lucros que ele prodigamente oferece aos paises que sabem interessar-se por ele.

Tudo — a começar pelas estradas.

E de estradas, do estado desconsolador em que elas se encontram, com as suas covas de três metros de altura, os seus montes de cascalho erguidos aqui e além, a ameaçarem constantemente de morte violenta os que por elas são obrigados a transitar, já nós temos contado aos leitores varias historias de causar calafrios.

Mas nunca é demais insistir nestes assuntos de interesse nacional. E a melhor maneira de lembrar ás gentes que tratam — ou antes, não tratam — das nossas vias de comunicação, a miseria que elas representam é, com certeza, referir factos ocorridos com pessoas bastante idoneas para os repetirem oficialmente se tanto fôr necessario.

* * *

Ainda ontem o sr. Carlos Borges, pessoa muito conhecida e muito estimada no meio teatral, contou na esplanada do Parque Mayer, a um grupo de amigos, uma tragedia de turismo, de que foi o principal protagonista e em que desempenharam tambem papeis importantes um amigo seu, um *chauffeur* e um automovel de boa marca.

O sr. Carlos Borges, a quem o medico aconselhara um tratamento nas caldas de S. Gemil, resolveu fazer o percurso de automovel.

Pois ficou-lhe a lembrança de emendal As estradas puzeram-lhe os ossos num feixe. E os hoteis, por esse país fora, deixaram-lhe uma vontade imensa de nunca mais sair de sua casa.

Logo em Alcobaça teve a primeira scena, num dos hoteis da terra. Antes de almoçar, pediu um «quarto de Vidago». Levaram-lhe um escudo.

Naturalmente, comentou:

— Em Lisboa já houve estabelecimentos que foram obrigados a encerrar durante quinze dias por venderem a mesma agua por setenta e cinco centavos.

— Isso é lá em Lisboa! — comentou com despreso um empregado da casa.

Ao almoço, o infeliz viajante bebeu «mais um quarto de Vidago». Na conta apareceu-lhe a garrafinha facturada por um escudo e vinte centavos.

Chamou a dona da casa e fez-lhe notar a diferença de preços em menos de meia hora. A patroa abespinhou-se. Chamou o empregado e, na presença do hospede, chegou-lhe uma descompostura de alto lá com ela, assim como quem diz:

— Então eu ando aqui a roubar para vocemecê?!

O «touriste» pagou, meteu-se no automovel e avançou denodadamente sobre Coimbra. Homem que a tal te aventuraste! O carro, primeiro que se resolvesse a chegar á capital dos estudantes, dansou sobre as estradas, sem compasso determinado, todas as dansas antigas e modernas. Mas emfim, sempre chegou. Os passageiros, de quasi mortos que iam, hesitaram entre a escolha dum hotel e uma entrada no hospital da Universidade. Acabaram por decidir-se pelo hotel. No dia seguinte, antes da partida, pediram a conta. Num impresso todo catita a conta avultava. Cento e trinta e sete escudos e trinta e cinco centavos. E um suplemento que rezava assim: Treze mil setecentos e cincoenta de taxa de turismo! Bem caro eles tinham já pago a taxa de turismo, com os castigos corporais aplicados pela gentilesa das nossas estradas. Mas tiveram de executar-se.

Carlos Borges, encerrando a palestra, disse ainda para o grupo de amigos que ouvia interessado a sua narração:

— Vivemos num país onde foram precisos vinte e cinco anos para os comerciantes aprenderem o sistema metrico. Mas foram bastantes vinte e cinco horas para toda a gente aprender a arte de furtar...

Um brado a favor das pensionistas

Pelo artigo 30.º da lei n.º 1452 de 20 de Julho ultimo, foi o governo autorizado a aplicar as disposições desta lei e as das leis n.os 1.355 e 1.356 a todas as pensionistas que ainda se encontram sob o regime das ajudas de custo de vida ou de subvenções diferenciais.

Até agora, quasi toda a gente tem beneficiado da lei a que nos referimos.

As pobres pensionistas que, mais do que ninguem precisam da comiseração do Estado, ainda não beneficiaram das vantagens que a lei lhes confere.

A quem competir pedimos em altos brados as providencias que o caso requere.

Desejariamos não ter que voltar ao assunto porque se o fizermos iremos procurar os responsaveis da insolita demora no pagamento ás infelizes criaturas para quem, aliás, não é esmola dar imediato e pronto cumprimento á lei.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

A romagem ao cemiterio Oriental

Os nucleos republicanos promovem no dia 4, pelas trese e meia horas, uma romagem ao cemiterio oriental (Alto de S. João), a fim de prestar homenagem á memoria dos cidadãos que combateram pela Republica e ainda por aqueles que a defenderam depois da sua proclamação. Aos republicanos que, por qualquer circunstancia imperiosa, não possam comparecer na praça dos Restauradores, pede-se a sua comparencia á porta do cemiterio.

UMA MANIFESTAÇÃO

ao dr. Antonio José de Almeida e aos jornais republicanos

Um grupo de republicanos promove no proximo domingo, pelas vinte e duas horas, uma manifestação ao sr. dr. Antonio José de Almeida e ás redacções dos jornais republicanos.

No dia da chegada a Lisboa dos republicanos de Coimbra e Porto, num dos ultimos domingos deste mês, ser-lhes-ha oferecido um banquete, no teatro de S. Carlos, pelos republicanos de Lisboa.

Nos meios literarios

Livros editores e publico e quais as queixas *que existem* entre uns e outros

Do sr. A. M. Aillaud, livreiro, apaixonado editor dos nossos consagrados e dos nossos classicos, recebemos ha dias uma longa carta de que adiante publicamos um trecho, em comentario a um artigo que neste jornal inserimos, a 25 de setembro, sob a epigrafe «Os livros — não ha editores».

Parece esse jornalista ignorar a nossa «Antologia Portuguesa», que já vai no 20.º volume. Nela já estão editados alguns dos grandes escritores de que o autor se queixa de não haver edições; os que ainda faltam seguirão no futuro, pois não se pode fazer tudo ao mesmo tempo.

Cita esse jornalista a edição de luxo do «Camões Lirico» e lamenta que não esteja ao alcance de todas as bolsas; isso nos prova que esse senhor não reparou no volume da «Antologia Portuguesa» que estava na mesma vitrine e que reproduz, para as «bolsas modestas», a edição de luxo que ele menciona; é o caso de repetir: «oculos habent et non vident».

Diz ele ainda «Ah! os nossos editores! Mêdo, receio, desconfiança no mercado» — e afiança que o mercado de livros se alargou poderosamente.

Ainda nesse ponto o jornalista se engana; alargou-se esse mercado para certos livros como «La Garçonne», mas ficou na mesma para os livros sérios. Aquilino Ribeiro, Antero de Figueiredo, Augusto Gil, esgotam-se exactamente na mesma proporção que antes da guerra, mas os novos, esses que eu sempre gostei de lançar... esses ficam nas prateleiras quando só sabem escrever «com arte» e sem escandalo.

Queixa-se o sr. Aillaud do publico português por lhe não comprar os volumes da Anthologia Portuguesa que o erudito professor Agostinho de Campos, com tanto amor e paciencia, vem ha dois anos, coordenando, depenando, anotando, com a proficiencia e a apurada sensibilidade que um diploma oficial já publicamente lhe reconheceu.

O *Diario de Lisboa*, porém, do que se queixou foi de que se fizessem apenas *edições de luxo*, considerando ainda um luxo para bolsos modestos, o preço de 7$50 que terão de esportular para adquirirem cada um dos oito volumes do *Camões Lyrico* da Antologia Portuguesa.

Por muito que respeitemos a autoridade do professor Agostinho de Campos, já nos deriamos por satisfeitos se as lyricas de Camões (odes, redondilhas, vilancetes, sonetos) fossem lançados no mercado; aos preços modicos (mesmo atendendo á desvalorisação da moeda) porque lá fora, são vulgarisadas as obras de Dante, de Gœthe, de Hugo, de Cervantes, de Schakspeare, todos os grandes genios nacionais que fixaram a lingua, que sagraram a patria, que cristalisaram e condensaram numa obra imortal a alma duma Raça.

De resto, o *Diario de Lisboa*, queixa-se, não dos editores, não do Estado, não do publico, mas de todo este sistema de coisas, que permite um semelhante absurdo:

Camões — novo-rico da literatura.

Lêr na 3.ª pagina:
As primeiras impressões da Ilha da Madeira
por Artur Portela

Vapor «Funchal»

A saida do vapor «Funchal», da Empreza Insulana de Navegação, que devia efectuar-se no dia 5 do corrente, para a Madeira e Açores, ficou transferida para data ainda não fixada.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Nos meios operarios

Greve

dos ferro-viarios do Sul e Sueste?

o que nos diz

Miguel Correia

Miguel Correia, a figura mais em destaque dos ferro-viarios do Sul e Sueste, aguardava o momento de ser recebido pelo sr. ministro do Comercio. Por se tratar dum militante operario de bastante prestigio, procurámos ouvi-lo sobre os motivos da sua prisão e sobre o pé em que se encontravam as reclamações da sua classe.

—Porque foi preso?

—Por ter cometido dois grandes crimes.

—Logo dois...

—A policia é que o afirmava.

—De que o acusavam?

—A primeira acusação era baseada no facto de eu ter proferido na penultima reunião, que se efectuou no Barreiro, a seguinte frase:—«Vejo com satisfação qualquer movimento que surja, desde que nos garanta mais um pouco de liberdade.»—Esta opinião era muito minha.

—E a segunda acusação?

—A de pertencer á comissão de melhoramentos dos ferro-viarios.

—Qual o moral da classe?

—Esplendido. O secretario do sr. governador civil de Lisboa, que assistiu á ultima reunião, viu bem que a classe está disposta a ir para a greve, no caso de não serem atendidas as suas reclamações.

—Não está posta de parte essa ideia?

—Não, senhor. Pois não é justo aumentarem-se as tarifas e não melhorar a situação do pessoal.

—Já falaram com o sr. presidente do ministerio?

—Já. E ficámos com a impressão de que ele pretende resolver o assunto rapidamente, pois deu plenos poderes ao sr. ministro do Comercio, com quem nos vamos avistar, para solucionar o caso, a contento dos ferro-viarios.

—As estações estão tomadas militarmente?

—Não, senhor. Os directores dos caminhos de ferro é que ficam todas as noites no Barreiro.

—Com que fim?

—Pretendem, talvez solucionar qualquer movimento, no caso das nossas reclamações não serem atendidas.

—Mas a classe ainda volta a reunir?

—Pode deixar de reunir...

—A comissão tem plenos poderes para declarar a gréve?

—Não. E' o comité, de harmonia com o que foi resolvido na ultima reunião.

—Não era acusado de abandonar o seu logar?

—Eu não abandonei o meu logar.

—Então...

—Eu tenho direito a 20 dias de licença este ano, e nessa conformidade requeri para os gosar. Mas o sr. director entendeu que só me devia conceder 11.

—E gosou os outros por sua conta...

—Não. Adoeci da vista, como provo com o medico que me andava tratando.

—Foi isso o que se passou?

—Foi. E tem graça. A policia tambem me acusou de eu ter comprado um predio e de abandonar o serviço.

—E é falso?

—Quanto ao abandono de serviço era necessario completar 30 dias e quanto á compra do predio é pena que essa acusação careça de fundamento...

Vapor «Africa»

No gabinete dos reporteres no Governo Civil, foi recebido um radio participando que os passageiras de 2.ª classe do vapor «Africa», seguem bem e saudam suas familias e amigos.

AS BELAS-ARTES

Esculptura

E PINTURA

de cinco independentes

Fala o ilustre artista Francisco Franco

O escultor Francisco Franco, artista que dispensa adjectivos, almoçava hoje no Francfort, com Dordio Gomes, pintor cujo nome o publico já conhece das exposição, quando o interpelámos:

—Então já sei que você vem fazer uma revolução...

Nas mesas mais proximas houve panico.

—Uma revolução artistica, é bom notar, para socego dos que nos escutam.

Então Francisco Franco traça-nos o seu plano de campanha:

—Não sou eu que lhe estou falando. São os «Cinco Independentes» que, animados do desejo de fazer qualquer coisa de interessante no mundo da arte, vão começar por uma exposição...

—Que se realisará...

—Nas Belas Artes, de 31 de Outubro a 15 de Novembro.

—Quem são os outros quatro?

—Diogo Macedo, esse «dandy» que tão depressa se vê nas praias elegantes, como no seu «atelier», com uma blusa de operario, trabalhando com paixão, com delirio; Dordio Gomes que você e Lisboa já conhecem. Estes dois vivem, como eu, em Paris.

—Foi lá que nasceu a ideia?

—Foi. Ha mais dois que vivem na Madeira, ambos pintores: Alfredo Migueis e o meu irmão Henrique Franco.

—O que os uniu?

—Apenas a paixão pelo trabalho, o desejo de realisar uma obra de arte honesta e, tanto quanto possivel, grande.

—Quantos trabalhos tencionam expôr?

—Cerca duns 200. Pintura e escultura.

—E você o que expõe?

—Estatuetas, gravuras em madeira e uma estatua de 2 metros e meio. Levou-me ano e meio de trabalho...

—O motivo...

—E' o semeador.

—Motivo madeirense?

—Não. O semeador é universal. Tem a sua sacola. Não tem patria.

—No programa do grupo figura apenas a exposição?

—Por emquanto. Mas tencionamos alargar o nosso movimento que é uma especie de «fascismo» artistico. Preocupa-nos, sobretudo, a acção...

* * *

Cabia aqui uma pregunta:

—Os «Cinco Independentes» tencionam formar áparte, num circulo fechado, ou alargar a sua acção pela entrada de mais artistas?

—Aqueles que queiram trabalhar, com lealdade, com fé, aceitá-los-hemos.

Lembraram-se alguns nomes: Almada Negreiros, Eduardo Viana, Milly Possaz...

E quando enunciámos o primeiro Francisco Franco, com aquela admiração que só sabem manifestar as pessoas que valem autenticamente, diz-nos enlevado:

—Almada Negreiros dá-me a mesma impressão que me dava na minha infancia um pedaço de cristal que era os meus encantos. Mirava-o e remirava-o e constantemente lhe descobria aspectos novos, de maravilha. Esse cristal todos nós o tivemos. Eduardo Viana é um trabalhador honesto e inteligente. Vivendo num meio como este, o menos propicio para um artista viver e trabalhar, conseguiu marcar a sua individualidade, fazendo uma obra sua, e uma bela obra.

—Quere dizer que estão aí mais «independentes» para o grupo...

—Vê-los-hiamos com prazer ao nosso lado. E outros... Esperamos, dentro de dois anos, poder fundar uma nova sociedade de Belas Artes.

—Para combater a actual?

—Não. A nossa não será inimiga desta. Será simplesmente—diferente. Será o nosso «Salon d'Autômne»...

Fala-se tambem, com o mesmo carinho, de camaradas que trabalham em Paris, animados do mesmo desejo de vencer.

* * *

A conversa de Francisco Franco prende, encanta. Entusiasma-se e a gente perde-se no torvelinho das ideias que expõe, das scenas que recorda. Passa a vida de Paris, o turbilhão, nas suas palavras:

—Acho infinita graça a certas pessoas que dizem que Paris estraga os artistas portugueses. Só se pódem assustar os que a nossa terra consagra aos dezoito anos e que teem uma decepção ao encontrarem-se em face da realidade, em face do mundo da Arte. Os outros, os que não querem medalhas nem «cráchás», nem consagrações temporãs, só pódem ganhar com a sua estada em Paris. Ali vão desaguar grandes artistas de todo o mundo. Anda no ar um fluido que não pertence a nenhum e é de todos, e que constitue o elemento galvanisador de todos os artistas, que os impulsiona a grandes obras, feitas sempre numa ancia de subir que não morre nunca, que cresce sempre. Ah! Como eu me rio dos que se assustam com Paris, porque Paris os despe dos falsos ouropeis com que os enfeitaram...

A entrevista tem assim um ar de conversa, ou melhor de prelecção. Francisco Franco pinta-nos a vida do artista, os seus sonhos, as suas desilusões, o seu trabalho...

—O que é preciso é trabalhar, trabalhar sempre. E que belo exemplo temos nesses artistas russos que, como Granowski, trabalham noutros misteres, são «chauffeurs», calceteiros, etc., para no fim de alguns meses poderem expôr uma ou duas telas no «Salon»...

A proposito: os «Cinco Independentes» todos teem exposto trabalhos no «Salon d'autômne» e no da «Société de Beaux Arts».

* * *

Fala-se na colonia portuguesa em Paris—que, diga-se de passagem, vive muito afastada dos artistas—e da recepção aos aviadores portugueses na Sorbonne. E Francisco Franco conta este pormenor interessante:

—Quando Gago Coutinho falava, um velho cortava-lhe constantemente as frases com palmas. E a assistencia acompanhava-o obedientemente, como a um chefe de «claque». Sabe quem era? Camilo Flammarion...

FABRICANTES PERFUMISTAS

OLHAI AOS VOSSOS INTERESSES

Os tubos de aluminium «Fenag» substituem completamente as caixas de folha, bisnagas de chumbo, boiões de porcelana, até agora empregados como embalagem de vaselinas, pomadas, dentrificos, etc. São apresentaveis, limpos, higienicos e MAIS BARATOS. Ha variado mostruario.

Representantes: NETTO, NATIVIDADE & C.ª

Rua da Betesga, 16, 1.º Telefone n.º 4683

Pelos teatros

Pleito entre artistas

Do actor Joaquim Prata recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Tendo lido no seu conceituadissimo jornal que o ex.mo sr. governador civil tinha decidido duma forma honrosa a minha questão com o actor empresario Alves da Cunha, venho dizer a v. que não é verdadeiro tal facto, pois ainda me não foi pago o que se me deve. Afirmo sob palavra de honra que até á data nada recebi.

O ex.mo sr. governador civil—unica entidade que decide pleitos entre empresarios e artistas—ouvindo a minha reclamação e ouvindo aquele empresario convenceu-se da minha razão e decidiu que emquanto Alves da Cunha me não pagasse os ordenados em divida não uzasse os titulos de empresario nem director de companhias.

E a verdade é que eu aguardo ainda a decisão do assunto.

Agradecendo a publicação, subscrevo-me de v. etc.—Joaquim Prata.

As nossas informações dizem-nos que o sr. governador civil ainda não decidiu de que lado está a razão, motivo porque o respectivo processo está seguindo os devidos tramites, devendo ser agora ouvidas as testemunhas apresentadas pelo ilustre artista Alves da Cunha.

A peça «Renascer»

Em virtude de ter sido retirada de scena a peça «Renascer», ha dias estreada no Apolo, o emprezario Mendonça de Carvalho, escreveu a Mario Duarte, um dos autores da peça, a seguinte carta:

Meu presado camarada e velho amigo:—*Vai ser retirada dmanhã de scena, repentinamente, a tua explendida peça, essa obra com que vibrou o publico durante quatro noites apenas.*

O nosso amigo e camarada Otelo de Carvalho, a quem pertence o Teatro Apolo, desde Outubro, precisa de ensaiar, de dia e de noite, a nova revista que vai pôr em scena. Por outro lado, a minha companhia precisa de aprontar-se para partir a 5 para as ilhas. Mas a vossa peça cujo êxito do publico é manifesto, é apenas interrompida, posto que será uma das primeiras a pôr em scena nas ilhas, mais tarde no Porto, reaparecendo em Lisboa logo que a minha companhia volte da sua digressão.

Assim o publico de Lisboa, que não poude vê-la na sua curta, mas brilhante série, terá o prazer de assistir ás suas representações.

Teu amigo e admirador—(a) Mendonça de Carvalho.

O inverno no S. Luís

O inicio da época de inverno no Teatro S. Luis, pela companhia de opereta Armando de Vasconcelos, realiza-se já no proximo sabado, 6, com a reprise da lindissima opereta portuguesa, de D. José Paulo da Camara e de Luna de Oliveira, com musica do inspirado maestro Filipe Duarte que na época finda tanto exito obteve e ultimamente no Porto, excedeu toda a espectativa. Nesta opereta têm papeis de destaque os artistas: Anzenda de Oliveira, Aldina de Souza, Sofia Santos, Laurinda de Almeida, Maria Alvarez, Dulce de Almeida, Sales Ribeiro, Vasco Santana Mario Campos, Alfredo de Sousa, Fernando Rodrigues, Antonio Matos e outros, fazendo a sua estreia, o barítono Armando Baptista que desempenhará o papel criado pelo barítono Alfredo Henriques.

Atrás do reposteiro

A empresa do Eden-Teatro aguarda a chegada a Lisboa do actor Nascimento Fernandes para marcar a data da inauguração da epoca de inverno, que se efectuará com a primeira representação da peça de Schwalbach «O Chico das Pegas».

—Deixou de fazer parte da actual companhia do teatro de S. Luis a actriz Virginia de Sousa.

—Alvaro Barradas esiá já contratando os elementos que farão parte da companhia «Canção Portuguesa» e que se destina a uma larga «tournée» pelo estrangeiro.

—O guarda-roupa da peça «Alcacer-Kibir» com que o Nacional inaugura a sua epoca está sendo confecionado peló «costumier» Castelo Branco.

—Está assente que a primeira peça nova a representar pela companhia Satanela-Amarante será da autoria de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, Jcão Bastos e Henrique Roldão.

—Está doente a acriz Julia Silva, da companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

—Terminou os seus espectaculos no Porto a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro com e peça «A dama das Camelias».

—Parece certa a organização de uma «tournée» rtistica de que serão empresarios os actores Antonio Gomes, da Trindade e Abilio Baptista.

—A actriz Leda Vieira, que ainda não trabalhou em Portugal e que é a primeira figura feminina do Eden Teatro, só se estreará na revista de Schwalbach, «O Boneco de Sabugo».

—O scenografo sr. Augusto Pina conta fazer no proximo inverno uma exposição de aguarelas e de «maquettes» de teatro.

—Estão sem contracto, entre outros actores, as actrizes Emilia de Oliveira, Maria de Vasconcelos e Leonilde Pereira.

—Intitula-se em português «A Vinha do Senhor» a peça que fará parte do reportorio da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, na proxima epoca no teatro S. Carlos, cuja tradução é do sr. dr. Pereira Osorio, na qual se estreará, um distinto amador muito conhecido na nossa sociedade a que ha dias nos referimos, e que seguirá depois para Inglaterra onde vai dedicar-se ao teatro.

Empregue na sua toilette

O

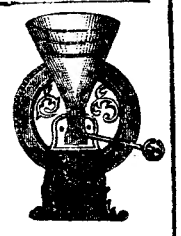
CRÈME SIMON

PARIS.

A qualidade dos seus elementos conserva á pele a sua frescura, a sua finura e o seu brilho. O seu perfume é delicado. 60 anos de sucesso.

PO de Arroz e SABONETE

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO



SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

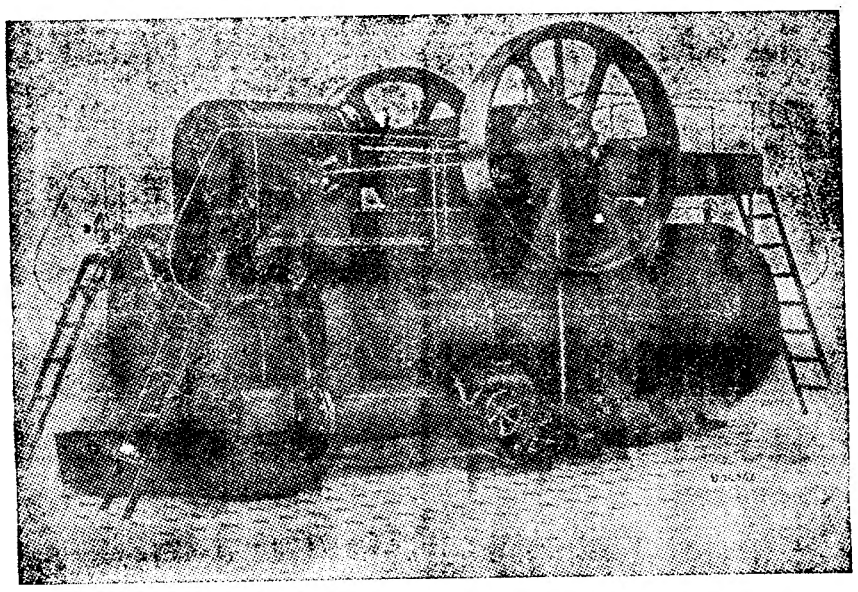
Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B. — Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 397

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas **LANZ**

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

GARAGE CONDE BARÃO

DFS

Recolha de 180 automoveis

Venda e compra de automoveis
Oleos, gasolina, acessorios
Material electrico
Instalações electricas
Stock de lampadas «Philips»

Telefone: C. 5430
Telegrafo: Garage Conde Barão

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da
Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

AZEITES

REFINADOS PARA CONSERVAS

DA ACREDITADA CASA

CARBONELL & C.A (S. em C.)

CORDOBA

Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal

J. Narciso, L.DA

Rua dos Alamos, 7--LISBOA

Telefone 3121 — N.

CONFORTAVEIS

GENEROSO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

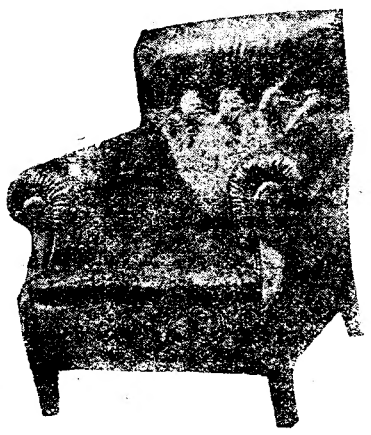
MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3082



CIMENTO BELGA (Marca Aguia)

Drogas, tintas, alvaiades e productos quimicos

Importação directa

Salvador Barata, Limitada

RUA DAS GAIVOTAS, 19-A

Centro Colonial

Por motivo da creação de impostos «ad-valorem» sobre a exportação de S. Thomé e Principe, são convocados os socios d'este Centro, interessados na nossa provincia, a reunirem na respectiva séde na proxima quinta-feira, 4 do corrente, ás 3 horas da tarde.

A Direcção

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Horario dos comboios

11.º aditamento ao cartaz-horario D. 161

Linha de Oeste

Desde 1 de Outubro proximo o comboio de mercadorias n.º 2507 deixa de efectuar o serviço de passageiros entre Bemfica e Torres Vedras, anunciado nos 4.º e 6.º aditamentos ao Cartaz D. 161.

Lisboa, 22 de Setembro de 1923.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horario dos comboios — 10.º aditamento ao cartaz D. 161 — Comboios rapidos entre Lisboa e Porto

Até aviso em contrario continuam em circulação todos os dias, excepto aos domingos, os comboios rapidos entre Lisboa e Porto, n.º 55 que parte de Lisboa-Rocio ás 17,20 e n.º 52 que parte do Porto ás 8,

Continua tambem a efectuar-se todos os dias, excepto aos domingos, o comboio n.º 250 que dá ligação para a Figueira da Foz, realizando o comboio n.º 248 unicamente aos domingos.

A ligação em Pampilhosa, a que se refere a observação E do cartaz D. 161, do comboio rapido do Porto, n.º 51, com o comboio rapido n.º 3 da linha da Beira Alta é diaria unicamente até o dia 15 de Outubro proximo.

Lisboa, 8 de Setembro de 1923.

O director geral da companhia
Ferreira de Mesquita

A venda de bilhetes na Estação do Rocio

No intuito de facilitar a aquisição de bilhetes para os comboios de longo curso e acabar com a costumada «bicha» nas bilheteiras do Rocio, a C. P. resolveu que a venda de bilhetes para os comboios rapidos seja feita em bilheteiras especialisadas para esse efeito, realisando se noutras bilheteiras a venda para os comboios omnibus, isto é, para os restantes comboios da grande linha.

Nos respectivos «guichets» estão ndicados os comboios para os quais as bilheteiras são especialisadas.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Direcção de Estudos e Construção

Serviço de estudos e construção da rede sul
Linha de Estremoz a Casteio de Vide
1.ª secção de Estremoz á fronteira

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico, que no dia 18 de Outubro do corrente ano, pelas 15 horas, perante a Direcção de Estudos e Construção dos Caminhos de Ferro do Estado, se hade proceder á arrematação da empreitada n.º 12 de execução de terraplenagens entre os perfis 128 e 148 da variante de Santo Amaro, da 1.ª secção da linha de Estremoz e Castelo de Vide.

A base de licitação é de 105.923$06.

O deposito provisorio da importancia de 2.648$08, deverá ser efectuado até ás 13 horas do dia anterior no da arrematação, em qualsquer das tescurarias destes Caminhos de Ferro.

O programa do concurso e caderno de encargos, estão patentes na Secretaria do Serviço de Estudos e Construção da rêde Sul, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, e na Secretaria da 1.ª secção da linha de Estremoz a Castelo de Vide, em Estremoz, onde podem ser examinados todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas.

Lisboa, 19 de Setembro de 1923.

Pelo engenheiro-chefe do Serviço de Estudos e Construção da Rêde Sul
C. Carvalho

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DA ALEMANHA

REVOLUÇÃO em Berlim?

O governo alemão estabeleceu a censura aos jornais

LONDRES, 2

Houve um movimento revolucionario na Alemanha promovido pelos junkares que teve a sua séde em Kustrin na Prussia a 15 milhas de Berlim.

O governo de Berlim estabeleceu a censura e enviou forças da Reichswehr contra os amotinados. Tambem não e permitida a publicação em Berlim acerca dos acontecimentos de Munich onde tem havido imponentes demonstrações monarquicas e onde o principe Rupprecht passou revista ás forças da policia verde e aos socios das associações nacionalistas. A policia verde é aquela que fez fogo contra os republicanos de Dusseldorf matando e ferindo muita gente. O governo de Berlim e senhor da situação porque até agora os movimentos revolucionarios não têm tido cooraenação.

Os rebeldes de Kustrins foram derrotadas pelas forças fieis, cercados no Arsenal, tendo sido presos os seus dirigentes. Houve tambem disturbios em Wolfenbuttee, e Haeberstadt.—(R.)

Colonia

está ao lado do governo

BERLIM, 2

No domingo realisou-se em Colonia uma grande demonstração de lealdade á Alemanha, na qual tomaram parte mais de 100:000 pessoas.

Os trabalhadores comunistas opõem-se com veemencia ao movimento separatista, compreendendo que a Renania teria assim de pagar uma maior soma de reparações que estando ligada á Alemanha.

De Munich dizem que o ditador bavaro von Kahr desmente por completo que tencione proclamar a monarquia, declarando que a monarquia não poderá ser proclamada, mas que se evolue para ela.—(Especial).

Os nacionalistas

revoltaram-se em Kustrin

BERLIM, 2

Incitados pelo combate com os separatistas renanos em Dusseldorf e pelas demonstrações monarquicas de Munich, os nacionalistas revoltaram-se ontem em Kustrin, cidade da provincia de Brandeburg (Prussia) na conferencia de Warte com Oder, a 80 quilometros de Berlim.

Os revoltosos intentaram desarmar a guarnição e ocupar a fortalesa, mas foram batidos e presos os seus chefes.

Destacamentos da Reichswehr saíram das cidades proximas e as tropas receberam ordem de reprimir a insurreição com a maior crueldade. A censura foi instituida para todas as noticias militares dando pormenores da insurreição —.(Especial).

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DE INGLATERRA

Inauguração

da Conferencia Imperial

Um importante discurso

do primeiro ministro Stanley Baldwin

LONDRES, 2

Inaugurou-se a conferencia imperial inglesa. Stanley Baldwin saudou os representantes dos dominios da India e frisou especialmente o alargamento do ambito da conferencia pela constituição do Estado Livre da Irlanda, cujo presidente sr. Cosgrave saudou cordealmente. Depois, o primeiro ministro inglês passou rapidamente em revista a situação internacional, referindo-se á questão das reparações e dizendo que as notas que foram trocadas entre a Inglaterra e a França desde a conferencia de Janeiro, revelaram cada vez mais, divergencias de opinião ácerca da melhor maneira de conseguir obter as reparações e de avançar a causa da paz na Europa. Esta divergencia reflectia a diferença de temperamento das duas nações, assim como a diferença dos seus pontos de vista, mas que não impediriam uma franca cooperação em face do perigo como mais uma vez se provou. Fizeram-se todos os esforços para manter a solidariedade com os aliados e especialmente com a França, na crença de que qualquer rotura poderia adiar o estabelecimento da paz e que a Europa tanto necessita. Os esforços inglesses para perseverar as boas relações com a França deram em resultado ser a Inglaterra varia vezes acusada de indecisão e fraqueza, mas finalmente podemos exercer a nossa acção, segundo os principios de Disraeli como um poder moderador.

A questão das reparações

entrou, finalmente, numa nova fase?

Parece que se encontrou uma nova fase da questão das reparações com o abandono por parte da Alemanha da resistencia passiva que estava já eminente alguns dias antes da realisação da conferencia de Paris.

Como esta situação se desenvolverá, não se póde prever, mas o que é bem claro é que uma intima cooperação entre a Inglaterra e a França e um entendimento completo entre os aliados é a unica maneira de resolver as dificuldades europeias.

O sr. Stanley Baldwin exprimiu a sua satisfação porque o conflito italo-grego se tivesse resolvido e chamou a atenção dos assistentes para a eficacia da Liga das Nações, dizendo que o conselho da Liga tinha procedido nobremente, colocando os interesses da paz acima dos interesses da Liga.

Se a Liga não tivesse existido, o conflito teria sido talvez resolvido pelas armas, mas a Liga pela sua moderação de senso comum, conseguiu exercer uma acção pacificadora. A delegação inglesa em Genova, manteve-se á altura dos seus creditos e trabalhou ardentemente para que se conseguisse a paz.

A divida ingleza

e a restauração da vida nacional

Referindo-se depois á consolidação da divida inglesa, disse que esta operação tinha sido necessaria para manter o credito inglês e para restaurar a vida economica do mundo. As dividas das grandes nações serão satisfeitas logo que o progresso das relações comerciais o permita. Ocupou-se tambem do problema da defeza imperial, dizendo que a conferencia decerto se ia ocupar dele com a devida atenção. Disse que o governo britanico tinha resolvido com grande relutancia aumentar as suas forças de defeza aerea, e que a Inglaterra, em conformidade com os acordos tomados na Liga das Nações, cooperaria de bom grado com as outras nações na limitação dos armamentos aereos, duma maneira identica á adotada no Tratado de Washington, para os armamentos navais.

O general Smuths

e o desenvolvimento da politica internacional

Concluindo, Baldwin lamentou as despesas feitas com a força armada, improdutiva e com as munições e utensilios de guerra e exprimiu a sua esperança de que o trabalho da Liga das Nações conseguirá estabelecer relações internacionais, baseadas no senso moral.

O general Smuths replicando ao sr. Baldwin, referiu-se ao desenvolvimento da politica internacional, no que ela interessa ao imperio britanico e referiu-se tambem aos problemas novos, creados depois da guerra. Referiu-se aos trabalhos da Liga das Nações em face das crises de Corfú e Fiume, tendo para ela palavras de muito elogio. — (R.)

MOEDAS E NOTAS

DE TODAS AS NACIONALIDADES

LIBRAS E MOEDAS DE OURO

Filial em Vigo (Calle Colon, 21)

PANCADA, MORAES & C.ª

RUA AUGUSTA, 37 (esquina Rua São Julião)

OPERAÇOES DE CAMBIO, CREDITO E BOLSA

PELO „SPORT"

CARPENTIER bate Beckett

O "boxeur„ francez continúa sendo o campeão da Europa

LONDRES, 2

No «Olimpia» realizou-se ontem o anunciado combate de box entre Joe Beckett, campião britanico dos pesados, e Carpentier, campião francês, para a disputa do titulo de campião da Europa.

Carpentier pôz Beckett «knock-out» com um terrivel «uppercut» da direita.

CARPENTIER

Beckett caiu, mantendo-se no solo 5 segundos. Levantou-se com dificuldade e, quando estava em pé, Carpentier deu-lhe outro «upperout» da direita. Beckett caiu pesadamente de encontro ás cordas, tentou levantar-se, mas caiu novamente. O arbitro contou 15 segundos, passados os quais, Beckett, teve de ser levantado do solo. Beckett preguntou o que tinha sucedido. Carpentier retirou-se imediatamente do «ring» para o vestiario e Beckett declarou que tinha muita pena de ter perdido; mas o primeiro «uppercut» da direita tinha sido a sua perdição.—(R.)

DR. AMANDIO PINTO

CIRURGIA geral, doenças das senhoras. Avenida da Liberdade, 134.

A's 16 horas

Telef. 4712 C

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

LEILAO

Em 8 de Outubro proximo futuro, e dias seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos agentes de leilões srs. Casimiro Candido da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 1 de fevereiro de 1920, do artigo 114.º da Tarifa Geral e do artigo 9.º da Tarifa de despezas acessorias, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prasos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retira-los, pagando o seu debito á companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 6 do referido mez de Outubro, inclusivé, das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 18 de Setembro de 1923.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

OS QUE NÃO DORMEM

O NEGOCIO da cunhagem das novas moedas

Uma carta do juiz Teixeira Direito

Do sr. João Teixeira Direito, um dos membros da comissão nomeada para propôr a melhor fórma de adquirir no estrangeiro os discos de bronze e aluminio para a cunhagem da nova moeda, recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Com o só intuito de esclarecer v. e os seus leitores, e arredando afirmações sobre a honorabilidade propria, que não está em causa, e de que legitimamente me orgulho, quanto á aquisição dos «flans» para cunhagem da nova moeda, autorisada pela lei numero 1:424, de 15 de maio passado, a que se refere o «Diario de Lisboa» de 29 de setembro, conheço o que vou relatar-lhe.

Para cumprimento do diploma citado nomeou o ministro das Finanças, em portaria publicada no «Diario do Governo» de 8 de setembro, uma comissão constituida, além da minha pessoa, pelos administrador geral da Casa da Moeda, sr. dr. Anibal Lucio de Azevedo e ilustre professor de metalurgia no Instituto Superior Tecnico, e engenheiro sr. Antonio Lobo de Aboim Inglez, encarregada de propôr a melhor fórma de adquirir no estrangeiro os discos «flans» de bronze, de aluminio para a determinada amoedação e ainda as bases para a alienação de 400 toneladas de cobre electrolitico desnecessario á laboração fabril da Casa da Moeda, conforme a alinea e) do artigo 9.º daquela lei.

Tendo-me sido confiado um processo existente na Administração Geral da Casa da Moeda antes da reunião da comissão, só por ele, pois nada mais conheço do assunto, verifiquei terem sido pedidos esclarecimentos á instituição congenere de Paris sobre a fórma de aquisição dos «flans» e indicação das casas fornecedoras, ás quaes, posteriormente, haviam sido endereçados convites para fornecer, com designação de preços e clausulas de fornecimento.

Outros proponentes, além dos solicitados, appareceram ainda, mas examinadas as propostas reconheceu-se não só ter caducado o periodo de preços, mas a necessidade de serem actualisados de harmonia com as cotações actuais.

Assim foi resolvido que a todos os apresentantes de propostas se solicitassem novos preços de harmonia com as clasulas do concurso a publicar no *Diario do Governo* e jornais de maior circulação portugueses, espanhois, franceses, belgas, alemães e ingleses, que v. poderá verificar logo que se publiquem, aceitando-se ainda os demais concorrentes que, embora não tendo apresentado ainda propostas, o façam nas condições prescritas.

Para a venda do cobre electrolitico, existentes na Casa da Moeda, tambem, e separadamente do primeiro, foi aberto concurso com a mesma publicidade.

Isto o relato do que é do meu conhecimento e já tinha indicado a um redactor de *Diario de Noticias*, que na sua primeira pagina informou o publico.

Quanto á parte «negocio» aos quinhentos mil francos para *lubrificações* e *convencimento* das entidades portugeesas, nada posso dizer a v., por ser extranho á minha profissão de magistrado *todo o ramo de negocio e muito especialmente o de luvaria*, se de facto existe.

Tecnicamente, por ilucidação dos meus colegas, resolvido que a cunhagem fosse feita numa liga de *bronze aluminio* igual ao da moeda francesa e brazileira, asseguram-me não poderem os discos para amoedação ser fornecidos pela industria portuguesa, o que muito grato me seria, dado que essa liga, tendo levado dois anos a obter em condições proprias para amoedação, só as fabricas conhecedoras da sua obtenção a podem produzir.

Perdoe-me ter-lhe tomado espaço com uma informação que não corresponde em nada ao habitual interesse do seu jornal, mas força-me a tal o convite de v., concedendo gentilmente á comissão as suas colunas. Creia-me De v. etc.—*João Teixeira Direito.*

CAMBIOS

Dia 2

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	=	2 9 1,4
» 90 dias	=	=
Paris	=	1$485
Berlim	=	=
Holanda	=	9$690
Madrid	=	3$330
Bruxelas	=	1$120
Roma	=	1$250
Suiça	=	4$400
Suecia	=	=
Noruega	=	=
Dinamarca	=	=
Nova-York	=	24$700
Brasil	=	=
Rio Londres	=	=
Libra esterlina	=	=
Ágio do ouro	=	=

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432—Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»

O CASO DO DIA

A agua e o rio Alviela

O descuido na discussão do projecto e o que diz Carlos Pereira

O sr. Carlos Pereira, director da Companhia das Aguas, era hoje a entrevista do dia. Falámos-lhe no seu gabinete, onde os telefones se multiplicam até ao infinito. E, por cima da sua cabeça, a nossos olhos avultava, pregado na parede, um diploma honorifico da exposição universal de Paris de 1900.

O sr. Carlos Pereira tem uma maneira pitoresca de falar. E pelo som da voz, pelos oculos, pelo gesto da boca, principalmente visto de frente, parece a imagem viva do malogrado almirante Machado Santos.

Somente este não usava nos dedos aneis com brilhantes — nem mostrava pontas de charutos nos bolsos do colete.

Mas isto nada tem com o problema das aguas—e para nós, e para os leitores com certesa, o sr. Carlos Pereira vale, sobretudo, por ser o director das mesmas.

Vamos pois ter o prazer de o ouvir, lamentando que as suas palavras, como o invento, parece que pouco feliz, do padre Himalaia, não produsam uma queda de chuva que engrosse a corrente do enfraquecido Alviela.

O sr. Carlos Pereira—um sorriso de ironia a transparecer-lhe no rosto—confessa-nos:

—Continuo a levar tareia. Paciencia. E, todavia, quere acredite quere não, sou um homem bem intencionado.

Incumbido da segurança publica, durante o periodo da estiagem, tenho feito o que as minhas fôrças têm podido — de modo a evitar desastres de maior gravidade e reclamações dos consumidores.

—E agora, com a nota que veiu a lume nos jornais...

—Contra os proprios interesses da companhia, provei que me não era indiferente a situação do publico consumidor perante uma nova perspectiva de falta de agua.

—E nesse caso...

—Aconselhei os consumidores a pouparem a agua nos seus gastos, reservando em vasilhas, para o aproveitamento no dia imediato, a que possam aproveitar durante as horas em que a sua zona fôr abastecida. Pois, tambem não acharam bem. Francamente, é caso para começar a desanimar. Mostro-me zelador do interesse publico, e zás! tareia. Confesso que é inacreditavel!

—Mas a quem cabem as responsabilidades?

— Aos poderes constituintes—pois a quem há-de ser?

—A' Camara Municipal, não?

—A Companhia não tem contracto com a Camara, mas sim com o governo. Todavia, há um projecto, na Camara Municipal, da passagem das aguas para a dita Camara, projecto apresentado pelo governo e que há três longos meses espera a necessaria discussão. Pois não há forma de ser discutido. Que demonio, se é preciso que eu lá chegue, não me farei esperar muito tempo. Eu discuto e falo com quem quizer. Já falei na Confederação Geral do Trabalho—e era até capaz de falar no proprio inferno. O que é preciso é que isto marche.

—Isto, o quê?

—A captação de novas aguas—visto o Alviela ser impotente para o gasto, cada vez maior, da cidade. De quinze milhões de metros cubicos de agua—apenas quatro são vendidos ao consumidor, destinando-se os outros á utilidade publica. E ha quarenta anos que a agua é a mesma.

—E em quanto está orçado o projecto da captação de novas aguas?

—Uma monstruosidade! De quarenta a cincoenta mil contos.

—Estamos, pois, ameaçados de não ter agua?

—Evidentemente. Os dias continuam lindos, cheios de sol, e nenhum de nós é sarogoçano para prevér as primeiras chuvas de inverno.

Eis o que nos disse o sr. Carlos Pereira — da Companhia das Aguas. Resta ouvir agora, sobre este importantissimo assunto, o ministro do Comercio, da parte do governo, e o vereador sr. Caldeira, da Camara Municipal, pois não ha direito de, numa capital que se diz civilizada, desde os tempos das descobertas, estarmos continuamente na iminencia de falta agua, arriscando os habitantes a sucessivos desastres.

E' tempo de olhar a serio por estes casos de interesse publico, srs. vereadores da Camara Municipal de Lisboa.

O NOVO PRESIDENTE

Teixeira Gomes

desembarcará ámanhã ás três e meia da tarde

Largaram hoje de tarde para Cascaes os cruzadores «Republica» e «Carlho Araujo» e os «destroyers» «Douro» e «Vouga», que deverão fundear naquela bahia para seguirem amanhã para o Cabo da Roca, onde aguardarão a chegada do cruzador inglês que conduz a bordo o novo Presidente da Republica, comboiando o navio até ao porto de Lisboa.

O desembarque efectua-se no Arsenal ás 3 e meia horas da tarde.

O cruzador «Carysfort» está á vista do cabo Finisterra

Um radio, recebido hoje manhã, informa que o cruzador inglês «Carysfort», que conduz o Presidente eleito da Republica Portuguesa, estava á vista de Finisterra e navegava para o sul, comboiado por um cruzador espanhol.

Chegaram esta noite ao Tejo os *contre-torpilleurs* franceses «Algerien» «Marrocain» e «Senegalais».

O comandante em chefe apresentou cumprimentos ao ministro e demais autoridades de marinha.

Nos proximos dias 4 e 5 é obrigatorio o sêlo da Assistencia, de 1 centavo, nas correspondencias postais.

A POLITICA DA TARDE

O GOVERNO será entregue a Augusto Soares?

A Camara não deve reunir ámanhã

Está marcada para ámanhã a continuação dos trabalhos parlamentares. Todavia... os senhores deputados retiraram-se de novo, para as praias, para as suas termas, para as suas casas de campo, e quasi que se póde anunciar hoje que ámanhã não haverá numero. Era de prever. Com a chegada do sr. presidente eleito, que se efectua ámanhã, ao meio dia, as propostas de finanças, sofrem uma pausa inevitavel—provavelmente até á proxima segunda feira.

A politica, que vive, morre, resuscita, volta a morrer todos os dias, está de novo morta. Já nem se fala em crise.

Hoje, na Arcada, nem um politico, destes politicos que as circunstancias teem imposto, e as entrevistas revelado. Está tudo á espera do sr. Teixeira Gomes.

Está tudo á espera que a vida politica portuguesa, tão sobressaltada, ha uns anos a esta parte, pelos mais diversos acontecimentos, com a vinda do novo presidente, de habitos fidalgos posto que democrata de principios, sofra uma reviravolta benefica, tão interessante como necessaria.

* * *

Mas o governo ficará, não ficará?

Qual o futuro do sr. Antonio Maria da Silva?

Fala-se muito em governo nacional, ou seja de concentração republicana. Mas presidido pelo actual chefe do governo?

Alguem que tem ligações muito intimas com os segredos dos gabinetes ministeriais—disse-nos esta tarde:

—O que vai suceder é isto O sr. Antonio Maria da Silva apresentará o pedido de demissão, da praxe. Como é da praxe tambem—o sr. Teixeira Gomes não o aceitará.

—E o governo fica?...

—Fica até á queda do ministro das Finanças, que será inevitavel.

—E essa queda...

—Arrastará a queda de todo o gabinete. Então, o sr. Teixeira Gomes encarregará de organisar ministerio uma individualidade pouco queimada na politica...

—Que será?

—O dr. Augusto Soares.

Eis o que conseguimos apenas esta tarde. Será assim? Não será?

A politica tem tantas surpresas, mormente em Portugal!

OS BOMBISTAS

FOI PRESO

um dos fugitivos de S. Julião da Barra

A policia de Segurança do Estado recapturou, por denuncia duma mulher, Antonio Augusto dos Santos, um dos fugitivos de S. Julião da Barra, que se encontrava no Zambujal. A policia teve conhecimento de que o Santos, se encontrava refugiado em casa dum seu tio, no pateo da Quinta da Viagem, ás Amoreiras, e andava com um lenço amarrado á cara e um braço ao peito, no intuito de iludir a vigilancia da brigada encarregada de capturar os fugitivos. Foi passada na referida casa, uma busca, que não deu resultado.

Pouco depois era comunicado á policia que ele se encontrava no Zambujal, onde foi preso, vindo para Lisboa e recolhendo incomunicavel a uma esquadra.

Um rapaz

fere a namorada, suicidando-se em seguida

Na freguezia da Atalaia (Vila Nova da Barquinha), concelho da Moita, Manuel Costa, serralheiro, de 20 anos, disparou 4 tiros contra a sua namorada, Albertina Nunes Clemente que ficou gravemente ferida, recolhendo á enfermaria de Santa Joana, do hospital de S. José.

O agressor suicidou-se em seguida, com um tiro num ouvido.